

Projeto Nacional PHPB – Equipe Regional Pernambuco

Século XIX – Tipo de Impresso / Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa Souza e
SILVA, Mauricio Vieira da

- 1 Modalidade: Língua escrita.
- 2 Tipo de Texto: Carta de Leitor.
- 3 Assunto: Carta de tamanho extenso destinada ao presidente da província
- 5 pernambucana versando sobre os jardins públicos. No texto, como o próprio autor diz, são postas várias reflexões remetendo basicamente a qualidade de vida que os jardins trazem aos seus frequentadores. Essas reflexões retrataram uma contextualização histórica sobre os jardins da Grécia antiga, de Roma, dos vários jardins europeus (alemão, italiano, francês, holandês, entre outros) e
- 10 convergiram para a solicitação e aplicação dos projetos já elaborados, porém, que nunca saíram do papel. No imaginário do autor, o cenário futurista da província pernambucana é intitulado “vенеza americana de um Edem”.
- 4 Data do documento: 24 de fevereiro de 1872.
- 5 Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
- 156 Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
- 7 Identificação do autor: “W.”
- 8 Número de palavras: 2.898
- 9 Informações levantadas:
- 2010 Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 29.)

A criação dos jardins públicos não é hoje con- | siderada [s]omente como um objecto de
25gosto e [ilegível] – | moseamento, mas sim como fonte de purificação | de ar atmosferico,
com toda razão considerado | como principal alimento da vida e primeiro rege- | nerador das
forças orgânicas. || E por essa razão que os governos que prestam | [ilegível] éria atenção
aos melhoramentos que tendem a af- | fastar ou diminuir as causas que tendem a dete- |
riorar a saude, fazem os maiores empenhos em | multiplicar nas cidades populosas as
30arvores, as | praças, e enfim os jardim públicos como meio de | purificação do ar que
respiramos, como meio de | distracção agradável, e enfim como meio de exer- | citar e
desenvolver as forças musculares. || Os jardins tem sua historia começada no tempo | dos
Romanos, sem que com certe[ilegível] se possa en- | contra la antes dessa época. Os jardins
dos H [ilegível]sperides e de Calypio parece que não passaram de | fabula. E’ certo, porem,
35que nesse tempo já ha- | via jardins na Grecia, como se collige da leitura | da Odyseea. ||
Comquanto não haja abundancia de descrepções | dos jardins d’aquelle tempo é certo porem
que | existiram o jardim de Byne, e o jardim publico | de Athenas criado por Cimon. E’ do
tempo dos Romanos que temos idéas mais | exactas a respeito dos que eram os jardins da
an- | tiquidade. || Tito Lívio descreve os de Tarquínio: || Lucullo pos- | suia um parque
40magnifico. No tempo de Augusto | foi Mario o primeiro que introduz[io] o costume de |
aparar as arvores. || P [a] rece que os jardins dos Romanos serviram de | modelo aos
creados mais tardes pelos Francezes | e que confirmam as pinturas existentes nas pa- |

redes de Pompéia. || Depois da decadencia do Império, foi no tempo | dos Medicis que reappareceu e espalhou-se o gosto | pelos grandes e magnificos jardins . || Na Allemanha
45 custou a fazer progressos a arte | do jardineiro: entretanto celebrisaram se os jar- | dins dos Fugger, de Wallest [ilegível] in, e os de Helhheimn | perto de Salsbourg. || Na França e na Inglaterra seguiram [ilegível] gosto da | Italia e ao principio não se passou de grosseiras | imitações: So mente em 1860 é que se faz na arte | do jardineiro uma revolução importante por occa- | Sião da creação do jardim de Versai | [ilegível]es, plantações | regulares de
50 arvores, planos oblíquos, ornamentos | architectonicos, obras hydraulicas, sebes, estatuas, | pomares, foram o caracteristico desses jardins | que não tardaram a ser imitados por toda parte | Na Hollanda porem o gosto alterou-se de tal for- | ma que os jardins ficaram redusidos a pedras e | conchas, ornados de grandes vasos plantados de | flores de porcelana, e só não tiveram abundancia | das nossas pedras calcáreas, por não serem ainda |
55 conhecidas na Europa nesse tempo. || Não foi porem esse motivo bastante para deixa- | rem de existir celebres jardins franceses em Vi- | enna, Berlim, Hanovre, Munich, etc. etc. || No começo do século passado em Inglaterra se | fez uma violenta reacção contra o systema dos | jardins francezes. O pintor William Kent foi quem | melhor direcção deu a esse genero de obra, cre- | ando os magnificos parques Carttonhouse, Clari- | [ilegível], d'Essex e Rouskam.
60 Veio depois aperfeiçoar o systema de Kent o jar- | dineiro Brown wm 1780, desenhando o parque de | Blenkein, onde desenvolveu perfeitamente a arte | de imitação e assentou definitivamente o caracter | do jardim inglez. || Não tardou porem que o espirito de innovação | pervertesse o gosto, e Horacio Walpole e W [ilegível] | Price em 1780 muito trabalharam por afastar dos | jardins as construcções extravagantes. Em Franç [a] o gosto
65 inglez introduzido em 1763 degenerou logo | em gosto chinez: que foi [ilegível] com I [ilegível] | por Girardi [ilegível] e [ilegível] e J.J. Rouseau, cre- | ando os jardins [ilegível] Ermenonville. || A Allemanha pertencia a vez de fazer uma re- | forma grandiosa na arte e [ilegível]ytema dos jardins e | foi Luiz [ilegível] em 1750 quem fundou o novo gosto, | substituindo as imitações d [ilegível] arte pelos effeitos na- | turaes. Alem da celebre
70 creações de Sckell | vieram as ainda mais notaveis e importantes do | príncipe [ilegível], que pode ser conside- | rado o primeiro jardineiro do seu tempo. Seus | magnificos jardins em M [ilegível] kau e Braïck, attestam | o seu gen [ilegível]o creador. || Depois destes vieram muitos outros, tanto na | Allemanha como na França e Inglaterra que in- | troduziram embellezamentos bem estendidos, e se | distinguiram por sua [ilegível] creações. ||
75 Entretanto, pode-se dizer que actu [a]lmente tem | se perdido alguma cousa dessas creações gran- | diosas em que tanto império teve a phantasia para | se ganhar muito na horticultura propriamente dita. || Mas seja de uma forma, seja de outra que se | considere a construcção dos jardins o que é ver- | dade é que muitas das antigas idéas foram aban- | donadas e substituídas por outras as quaes os | conhecimentos adiantados da hygiene
80 publica de- | ram força. Assim [ilegível] os estreitos e | tortuosos caminhos que constituíam antigamente | o principal elemento dos jardins em que o passeio | fatigava mas que [ilegível] pelas estradas largas e | dire[c]tas, orladas de arvores da mesma especie plan- | tadas a iguaes distancias por se conhecer que o | andar um pouco apressado por uma estrada des- | tas era proveitoso ao pensamento, e favorecia as | meditações solitarias,
85 assim como as discussoes | sobre matérias importantes entre homens capazes | de se

esclarecerem reciprocamente, sem que to- | davia se deixassem alguns desses labyrinthos e
| creações phantastistas para e[n]treterem aquelle [ilegível] que | sahem dos jardins com a
cabeça e o coração des- | occupados como quando nelles entraram. || Como amigo do meu
paiz e sentindo uma viva | emoção quando penso na grande generosidade | com que Deus o
90dotou, de elementos de formosu- | ra e grandeza, não pude deixar de ceder a uma força
interior que me leva a pensar na maneira | porque nelle se dirigem as obras mais importan-
| tes ou os melhoramentos que se tem de fazer, e | então uma dôr, um pesar me punge o
coraçã[o] | quando vejo que uma pesada mão do destino | impede que se estudem
convinientemente todos | os prós e precalços , e só uma economia quasi | sempre muito
95mal entendida e as mais das vezes | [ilegível]unesta, sirva de encobrir os erros provenientes
d[a] | falta de estudo ou das conde cendencias crimino- | sas, mas como é [ilegível]m ao
menos que se aponte al- | guma cousa para se não dizer que ninguem le [ilegível] – | brou –
resolvi me a romper o silencio e dizer duas | palavras sobre o jardim ou passeio publico que
a | tanto tempo se projecta, e que de projecto até ho- | je não passou. || Podíamos dizer
100que essa mão pesada que tanto | mal fa [ilegível] as nossas cousas publicas foi a verdadeira
| causa da reconstrucção do theatro naquelle mes | mo lugar, quando a camara municipal
conhecen- | do os inconvenientes que della proviriam apressou-se em pedir ao Exm.
presidente da provincia | que attendendo as vantagens que resul [ilegível] tariam pa- | ra o
bem publico do alargamento da praça, não | consetisse na reconstrucção do theatro, tanto |
105mais que contra ella era a opinião geral. A eco- | nomia, porém, aconselhou que, para não se
per- | derem uns 40 ou 50 contos de reis, se gastassem | 500 como e muito provavel que
aconteça. || Mas, vamos adiante: o m [ilegível] | está feito e não s [ilegível] lhe pode dar
remédio. || Temos observado que nesta nossa terra ha | uma celebre mania de fazer terra
quan [ilegível] esta | por toda parte abunda e por isso seu valor é ne- | [ilegível]hum. ||
110Fez se terra para fundar a casa de detenção: | fez se tambem para [ilegível] undar o Hospital
Pedro ||, e | fez-se para a fundação do matadouro publico, | emfim, por toda parte ha terra
de mais, porém, | por toda parte se faz terra principalmente para | estas grandes obras da
nação. || Não causa por tanto admiração que tendo- se | de fazer um jardim ou passeio
publico, se perca | de vista tantos [ilegível] aprasiveis e possuindo já uma | vegetação
115abundante e bella para se escolher um | mangue ou lodaçal e atterra-lo para depois ser |
plantado de arvores, que tarde ou nunca adquiri- | rão um desenvolvimento satisfactorio por
falta | dos elementos necessa[]rios a vida vegetal. || A situação e [ilegível]colhida para o
jardim pub [l] iço, isto | é o alagado ao norte do Gymna[s]io, além de pos- | suir as
qualidades negativas que apontamos, não | tem superfície sufficiente para um
120estabelecimento | desta qual [i]dade, e se se considerar no incremento | rápido que tem
esta cidade, diremos que de [ilegível] de | pouco tempo o jardim publico de Pernambuco se-
| rá mais pequeno do que o de algumas casas par- | ticulares. || Entretanto uma
circunstancia digna de menção | se f[ilegível]z notável a seu respeito e é que ao passo que |
se tem feito terra em toda parte para se fundarem | os grandes edificios publicos, alli
125aconteceu o con- | trario: havendo precisão de uma bacia natatoria | para o uso dos alunnos
do Gymnasio, deixou-se | essa natural que existe ao lado norte do edificio e | de grandes
dimensões, por essa outra do lado do | sul, não se attendendo ao grande dispêndio que |
devia haver para se remover a terra que ahi exis- | tia, porém a divina providencia que

sempre por | nós vella acudio a tempo e o [ilegível] da assembléa | provincial veio occupar o
130 terreno que devia ser | convi [ilegível] em lago. || Quanto melh [o]r seria que esse espaço
que deve | ser alterado para jardim publico ficasse pertencendo ao Gymnasio, depois de
limpo e feita uma | estrada aos lados e no centro um grande reserva ' | torio d'água para uso
e embellesamento do peque- | no jardim que se alli está construindo? || Não precisarão os
alumnos de passeio, de exer- | cicios gymna [ilegível] t [ilegível] cos, de distra
135 [ilegível]cções alternadas com | as h [o]ras do estudo, de exercícios natatórios, em- | fim de
todas estas manobras que [ilegível] lem de passa- | tempo util e agradável, são hoje
considerados em | toda a parte do mundo como indispensaveis a | educação porque ellas
trazem muito proveito ao | desenvolvimento das forças physicas tão favoraveis | ao
fortalecimento da constituição e por conse- | guin [t]e tão pro[ilegível]e- | tosa a saude? ||
140 Se nos tempos históricos, cujas recordações nos | são sempre defeituosas, desde a mais
tenra infan- | Cia entreg [a]vam os homens aos exercícios de | forças po[r]que sem ella não
se era guerreiro, ho- | je tornamos a julgar esses exercícios indispensa- | veis, não po[r]que
precisemos só da força physica | para brigar, mas porque esta sabido que a força |
intellellectual está dependente tambem do de[s]env[o] l- | vimento physico, e o homem
145 cujo organismo é | fraco, deteriorado, cuja organização é mesquinha, | sua intelligencia quasi
nunca dá para grandes | cousas triviaes da vida humana, da pequena in- | triga das paixões
ruins. || Assim se se quer dar amplidão, não só as forças | physicas, como as intellectuaes,
dos alumnos do | Gymnasio, como, é que se manda estreitar o al- | cance visual delles e
restringi-los a quatro muros | mais altos do que os dos antigos conventos de | freiras ? ||
150 Como é que não se adquire essa extensa e linda | bacia para os exercicios natatórios que
tanto des- | envolvem as forças physicas e Moraes, e se quer | reduzi-lo a um terreno que só
depois de muito tra- | balho, e despeza produzirá arvores enfezadas, sem | brilho e sem
vigor, e cujas raizes logo que [ilegível] l[[can]]- | cancem a profundidade desse lodo
immundo irão | sorver o veneno que as ha de matar? || Nesta terra não faltam medicos,
155 engenheiros e | ainda menos falta gente que se entende de tudo, o | que pode muito bem
esclarecer o admistrador | da provincia que sem duvida alguma tem-se mos- | trado tão
empenhado pelo progresso della, consi- | derando attentamente os negocios que são de bem
| publico e encaminhando os com um admiravel es- | piritto de rectidão e justiça, prova a mais
authen- | tica que pode dar de sua illustração e saber pro- | fundo dos negocios públicos. ||
160 E provavel que as reflecções que acabamos de | faz[ilegível] para mostrar a impropriedade
do lugar que | se quer destinar para jardim publico não tenham | bastante peso para levar a
convicção ao espirito | de todos, porem em um pequeno artigo não se | pode dizer tudo, e
se essas que acabamos de ex- | [ilegível] ender merecem ser contestadas, talvez da discus-
| são calma e desinteressada, qual deve ser quando | se trata de interesse publico, saia a
165 verdade com | toda a lucidez. || E [ilegível] quanto [ilegível]orem novas e melhores ideas
ap- | parecem lancemos um olhar para outro ponto e | vejamos se delle se pode esperar
alguma cousa | proveitosa. || E o que vemos? Um grande estabelecimento pu- | blico que
mais que todas carece de isolamento-o | Hospital Pedro

17012 2º - para poder gosar de um ar | puro e constantemente renovado que pede ins- |
tantemente que estanque essa fonte p [e]rene de mi- | asmas que se estende por
tr[a]s das suas quatro faces: | que exige que se não continue a edificar em der- | rodor
delle para depois não ser o ar corrupto e in- | salubre que sahe das habitações aquelle
que vá ser | respirado pelos doentes nelle recolhidos. || E qual seria o alvitre que mais
175 proveitos taria | para a consecução deste fim? Sem duvida que | a construcção de um
jardim publico no terreno | que fica em frente desse mesmo hospital. || Imagine-se que
se aterra o alagado em segui- | mento ao Caes de Capiberibe até perto da Ilha a | que
uns chamam do Carneiro e outros do Amo- | rim, que se construe um canal tortuoso, ou
como | se achar melhor ate sahir do outro lado rompend [o] | o aterro queahi se fez
180 poucos annos, de maneira | que fique o terreno em frente como Ilha que já foi: que
sobre esse canal se fazem tantas peque- | nas pontes quantos forem as ruas resultantes
do | aterro dessa immensa vasa da maré, que fica ex- | posto aos ardentes raios do sol
durante algumas | horas de todos os dias: que se aterre pela fren- | te do rio o mangue
que está marcado na planta | [ilegível] de [ilegível] as tortuosidades do rio; q[u]e s[e]
185 | construe a projectada ponte de communicação en- | ter a rua imperial e os Coelhos na
Boa Vista, | que o mais breve possivel se com [s] true o caes em- | redo da Ilha do
Suassuna e se estabeleçam pe- | quenias pontes para communicar uma ilha com ou- | [t
]ra: teremos [ilegível] um passeio da extensão immensa, sus- | ceptivel de muitos e
progressivos melhoramentos | capaz de passar [ilegível] sem ficar pequeno e ser- |
190 [ilegível] para testemunhas as vindouras gerações que | nós [ilegível] bom senso, e
calculamos bem que | [ilegível] provincia que tem os elementos de vida e | em
quantidade como os que possui não é para fa- | ser obras pequeninhas e que, nenhuma
relação | tem com o crescimento futuro e indubitavel que | ella ha de ter. || E se
considerarmos que organiza-se uma com - | panhia de pequenos vapores para
195 transportar gen- | te de uns para outros portod da cidade, haverá | nada mais bello nem
mais [ilegível] para o espi- | rito? E será tudo isso phantasia de uma imagi- | nação
ardente, ou tudo quanto se acha desen [ilegível]ado | em termos poucos expressivos, é
verdade não sera | uma cousa facilmente realisavel e em pouco tem- | po? Deixemos por
tanto a bacia de natação para o | gymnasio de que elle tem absoluta necessidade |
200 deixemos mesmo esse reservatorio para desvio das | aguas de alguma cheia, se ahi
chegarem e trate- | mos de crear esse paraíso no centro de dous bai- | ros mais p
[o]pulosos desta cidade e [ilegível] a ve- | neza americana de um Edem, que causará
inveja | ao mundo inteiro. || W.

